



# NICARÁGUA SANDINISTA – Exitoso soviético ou erro norte-americano?

**Pascual C. Tozzi**

*Tradução de artigo publicado na Revista Militar argentina (Nº 718, Set/Dez 87).*

*O autor apresenta uma análise retrospectiva da história política da Nicarágua e identifica os erros da política externa norte-americana no Caribe e a dinâmica marxista de tomada do poder.*

## NICARÁGUA SANDINISTA

**E**xito soviético ou erro norte-americano? O objetivo deste ensaio é mostrar como se desenvolve e sobre que bases avança um dos grandes males que ameaça a América Latina: a guerra revolucionária.

Para isto, foram reunidas e consultadas diversas fontes de informações, inclusive de origem comunista, a fim de que estas linhas sejam o mais objetivas e realistas possível.

Trata-se de um ensaio, e seria gratificante se algum leitor decidisse levá-lo em conta em seus futuros estudos. Melhor ainda, muito serviria à causa da

trabalhar, cada ano mais mentes para cultivar e, ao mesmo tempo, menos recursos para educação; cada vez mais famílias que procuram um teto e, paralelamente, menor número de casas; cada vez mais enfermos para atender e cada ano menos recursos médicos e sanitários.

Essa é a realidade, o quadro no qual estão sendo produzidos, em nosso continente, dois movimentos paralelos: um é o da tomada de consciência do drama que nos alige, por parte das populações necessitadas, o que origina uma proposta de renovação e adequação das antigas estruturas políticas, econômicas e sociais, nem sempre ordenada, nem encarada corretamente, que alguns apressados pretendem resolver por meio da ação violenta; e, por outro lado, existe a gestação da guerra revolucionária comunista, que apregoa e desenvolve distintas táticas, prometendo um desenvolvimento mais rápido que o decorrente da proposta anterior, aproveitando-se da tentação que nela existe para as soluções violentas.

Nessa ação subversiva, o comunismo aproveita todas as contradições que a realidade continental oferece, para infiltrar seus agentes, corromper a sociedade, semear a discórdia e o desalento e, finalmente, desencadear uma violenta ação arma-

da (guerra de guerrilhas), com a qual projeta conquistar o poder.

## RETROSPECTIVA NECESSÁRIA

Em 1979, quando Richard M. Nixon publicou seu livro, *A Verdadeira Guerra*, o problema centro-americano estava circunscrito, desde 1959, à Ilha de Cuba. Enclave estrategicamente posicionado no quintal dos Estados Unidos, convertera-se na ameaça marxista no continente americano.

Nesse mesmo ano, a União Soviética consolidava, através dos movimentos revolucionários, uma cunha no setor continental, ao conseguir o triunfo da Revolução Sandinista, na Nicarágua, e a consequente conquista do poder pela força.

Encravada em um amplo istmo, que une os territórios da América do Norte à América do Sul, a República da Nicarágua, banha suas costas com águas do Oceano Pacífico e do Mar do Caribe.

Essa região se caracteriza, no geral, pela pobreza e pelas grandes desigualdades sociais, que têm sido, e continuam sendo, seu maior problema.

Típica expressão da vida dos trópicos, a República da Nicarágua, com 140.000 km<sup>2</sup> de superfície, é formada por terras baixas e pantanosas, caracteriza-

das pelo calor e alto grau de umidade.

Atualmente, sua população é estimada em 2.800.000 habitantes, etnicamente divididos em uma maioria mestiça (75%), uma minoria branca, uns 10% de negros e apenas uns 4% de índios.

Conquistada sua independência da Espanha, em 1821, o conflito interno foi a característica que se manifestou como símbolo nacional.

A política externa dos Estados Unidos para a América Latina, nos últimos trinta anos, pelo temor de que se produzissem levantes revolucionários ao estilo de Cuba, levou essa superpotência a apoiar as ditaduras que, durante décadas, governaram os países do continente.

A queda da "dinastia Somoza", de acordo com a opinião do Professor William M. Loe Grande, da American University, provocou a transformação desse temor em obsessão e, assim, os Estados Unidos decidiram, por qualquer meio, evitar a tomada do poder na Nicarágua pelos sandinistas para, posteriormente, no que pesem os conflitos entre o Congresso e o Presidente Reagan, procurar fundos suficientes para sustentar os "contras", que combatem o regime instaurado nesse país centro-americano.

Loe Grande argumenta que,

para evitar que a Nicarágua se converta, definitivamente, em "outra Cuba", os Estados Unidos devem evitar os mesmos equívocos cometidos em suas relações com Havana.

Nicarágua foi vítima, desde a segunda metade do século passado, de políticos e aventureiros norte-americanos, e o primeiro intervencionismo estadunidense ocorreu em 1856, quando ascendeu presidente do país, "misteriosamente", William Walker, um aventureiro oriundo do Tennessee, que tinha sido contratado um ano antes com um grupo de setenta milicianos, para impor a posse dos liberais de Lein.

Cabe esclarecer que a rivalidade existente entre as cidades de Leon (dominada por um grupo liberal anticlerical) e a cidade de Granada (dominada por conservadores) é que vai motivar as lutas internas pelo domínio do poder.

O governo de Walker seria breve, só um ano, ao término do qual renunciaria ao cargo e regressaria aos Estados Unidos. Mas seu mau governo serviu para que a facção oposta, os conservadores, assumisse o poder e o mantivesse eficientemente até 1893.

É final de século, e a política decididamente intervencionista propugnada por Theodore Roosevelt levou os Estados Unidos

à guerra com a Espanha. Como resultado, Madrid perdeu Cuba, que passou a ser, teoricamente, independente, e as Ilhas Filipinas, que caíram sob o domínio norte-americano.

É o começo da política preconizada pelo *slogan* segundo o qual, com os países latino-americanos, tem-se que empregar "uma voz suave e um firme garrote."

Roosevelt chegou à Casa Branca em 1900, como vice-presidente de William McKinley, assassinado no ano seguinte, e exerceu a primeira magistratura dos Estados Unidos de 1901 a 1909. Em 1903, favoreceu o movimento separatista panamenho, convencido de que a construção do canal transoceânico convinha à expansão norte-americana. Em 1912, voltou a postular a presidência, mas fracassou. Não obstante, nesse mesmo ano, ocorreu a primeira intervenção na Nicarágua, que passou a ser um virtual protetorado.

Os fuzileiros navais foram enviados ao país centro-americano com o propósito ostensivo de "proteger vidas e propriedades de cidadãos norte-americanos, em um período de grande agitação civil". Mas a verdade histórica é que, já em 1909, os Estados Unidos haviam apoiado a sublevação do General Juan José Estrada, com o auxílio de

um destacamento militar instalado em Manágua.

A remessa de tropas, em 1912, deveu-se a um pedido do vice-presidente em exercício, Adolfo Dias (Estrada tinha sido obrigado a renunciar), que solicitou o auxílio dos Estados Unidos "para manter a ordem interna".

Na realidade, o interesse dos Estados Unidos na Nicarágua era, de início, estratégico. Considerava-a, em certa época, de possível utilização para o canal interoceânico que, posteriormente, se construiu no Panamá. A Nicarágua, porém, continuou conservando um enorme valor para a defesa dessa via aquática. Isso não foi obstáculo também para que Washington assumisse o controle da alfândega nicaraguense, para assegurar a reintegração dos empréstimos efetuados, primeiramente pelos bancos americanos, e, logo, pelos europeus, a fim de evitar que esses últimos provocassem intervenções armadas a fim de assegurar a cobrança dos seus créditos. A intervenção durou até 1925.

A Nicarágua tinha tido eleições um ano antes, as quais só haviam servido para acentuar o antagonismo entre liberais e conservadores. Houve um golpe de Estado seguido de uma série de renúncias de presidentes que não conseguiram manter-se no

poder, até que, por fim, Adolfo Díaz novamente logrou assumir a primeira magistradura do país até fins de 1926.

Por tudo isso, os liberais, encabeçados pelo Dr. Juan B. Sacasa, denunciaram ao mundo (e pediram ajuda exterior) a derrrocada de seu "governo de coalisão legalmente eleito". Sómente o México se pronunciou a favor dos liberais, e isso, segundo o historiador David Haward Bain, resultou fatal para eles.

Em um ensaio publicado no *American Heritage*, Bain sustentou que o governo norte-americano de Calvin Coolidge (que na oportunidade estava envolvido em um conflito por concessões petrolíferas com o Partido Liberal, que governava o México) prestou bons ouvidos à denúncia de Adolfo Díaz de que "o exército liberal tinha reforçado suas fileiras com trezentos bolchevistas mexicanos". Não é demais dizer que essa mentira repercutiu no Departamento de Estado, onde se começou a falar de um "hegemonismo bolchevista promovido pelo México", introduzido como uma cunha entre os Estados Unidos e o Canal do Panamá.

Foi assim que, na noite de natal de 1926, os navios *USS Rochester*, *USS Cleveland* e *USS Danver*, ao comando do Contra-Almirante Julian L. Latimer, penetraram sigilosamente

em Puerto Cabezas, na área de Costa Mosquito, a nordeste da Nicarágua. A escolha de Puerto Cabezas deveu-se ao fato de que era o ponto de serragem e exportação de caoba, propriedade da Standard Fruit Company, e que tinha sido ocupado por pessoas consideradas "hostis" pelo Departamento de Estado.

Existiam razões que levaram os Estados Unidos a selecionar Puerto Cabezas para o desembarque. A primeira era que Sacasa, obrigado a fugir de Manágua para o porto caribenho de Bluefield, pelas forças conservadoras, devia assim mesmo afastar-se desse porto, sua capital provisória, ao surgirem os navios norte-americanos, e transladar-se para Puerto Cabezas com seu "exército liberal".

A segunda era que ali haviam desembarcado umas setecentas toneladas de cargas e munições que Sacasa e seus partidários tinham adquirido em New Orleans, as quais o Almirante Latimer levava instruções para confiscar e lançar na baía.

A terceira e última, ao que pesem os protestos do próprio Sacasa, virtual prisioneiro dentro de sua residência, era a já referida "proteção da vida e propriedades de norte-americanos," sob pena de morte para "quem se aproximasse a menos do raio de alcance de um fuzil".

Entretanto, antes que as ar-

mas e munições pudessem ter sido lançadas na água, um grupo, "increible", integrado por seis soldados liberais e um número não determinado de prostitutas do porto, logrou safar-se com trinta fuzis e seis mil cartuchos. Seu líder era um homem de baixa estatura e aspecto pouco imponente que se chamava Augusto César Sandino, o qual tinha navegado durante nove dias pelo Rio Cocos, em uma canoa feita com um tronco cavado, desde as terras altas do interior, para conseguir algumas dessas armas para seus companheiros irregulares.

De todos os oficiais das forças liberais, Sandino foi o único que ignorou as ordens de Latimer para desarmar-se. Ele propôs-se a um claro desafio, que provocou grandes antagonismos e divisões dentro dos Estados Unidos, e sua ação guerrilheira, durante seis anos, foi altamente cara em vidas e dinheiro. Tanto é assim que, em questão de semanas, tornou-se evidente que a força de Latimer, de 16 barcos, 215 oficiais, 3.900 soldados e 865 fuzileiros, não era suficiente para ocupar a Nicarágua de forma eficaz. Porém, nesse momento, o nome de Sandino já se tinha transformado em um símbolo.

Augusto César Sandino nasceu em 18 de maio de 1895, em uma aldeia tolteca do su-

doeste da Nicarágua chamada Niquinihom. Seu pai, Gregório Sandino, era dono de um pequeno estabelecimento rural, onde produzia café e criava algum gado. Ele legou a seu filho a paixão pela política liberal.

Sua mãe, Dona Margarita Calderón, era em parte índia, e Sandino dela herdou a tez morena.

O jovem Augusto já tinha concluído sua educação, quando se produziu a detonação revolucionária, que culminou com a primeira ocupação da Nicarágua pelos marines, em 1912, e já administrava algumas das terras de seu pai, quando teve oportunidade de presenciar como o líder liberal revolucionário Benjamín Zeledón foi arrastado pelas tropas do presidente Adolfo Díaz, amarrado pelos pés ao seu próprio cavalo.

Em 1921, Sandino viu-se obrigado a abandonar o país, por motivo de uma questão pessoal com um funcionário conterrâneo (alguns insistem que, posteriormente, Sandino o matou) e deve ter-se protegido, primeiro em Honduras, depois, na Guatemala, onde trabalhou para a United Fruit Company e teve seu primeiro contato com o imperialismo norte-americano, e finalmente no México.

Nesse último país, centro receptor de exilados de toda a América Latina, o jovem Sandi-

no assimilou, nos debates da União Centro-Americana, a necessidade de serem criadas organizações de trabalhadores e de serem recuperadas, para eles, áreas de recursos econômicos, objetivo largamente aca-riado pelo liberalismo popular.

Tal como se tem podido comprovar, o interesse dos Estados Unidos pela Nicarágua foi crescendo, à medida que se sucediam os diversos entraves que gravitaram em torno da construção do Canal de Panamá, a ponto de, quando este já estava liberado para o trânsito, a partir de 1914, haver quem insistisse em que se devia construir outra via interoceânica alternativa, através da parte meridional da Nicarágua. Com esses objetivos, e favorecido pela corrupção dos políticos conservadores governantes, Washington depois dois presidentes, promoveu outros dois "a dedo" e sufocou, ao menos, uma revolução, desembarcando *marines* e levando a cabo uma ocupação do país que durou quase vinte e um anos.

Uma das denúncias de Sandino foi que a provisão realizada pelo governo de Wilson à Nicarágua, como pagamento de direitos para a construção desse canal, e que se elevara a três milhões de dólares foi, em parte, empregada para subornar funcionários do governo mas, em sua maioria, foi parar em

bancos norte-americanos, para cobrir parte da dívida externa da Nicarágua.

Mas, possivelmente, o que mais o feria era o conhecimento de que, em 1926, em nenhuma parte da América Central, o domínio norte-americano era tão forte como na Nicáragua: as plantações de café, banana e açúcar, as províncias minerais, as extensas selvas de *caoba* e de *pinos*, as ricas terras de pastagem para criação de gado, eram propriedade norte-americana ou administradas por norte-americanos, assim como as serrarias, as instituições financeiras (incluído o Banco Nacional de Nicarágua), as alfândegas e ferrovias.

As companhias frutícolas, Standard Fruit Company e United Fruit Company, controlavam, entre ambas, algo em torno de 63.000 hectares de plantações.

Diante desse quadro, Sandino juntou suas economias de uns 3.000 dólares e se deslocou para as terras altas de Nueva Segovia, de onde começou a organizar os mineiros. Ao saber que Sacasa havia sido praticamente deposto pelos norte-americanos e fugido para Puerto Cabezas, onde se encontravam os armamentos comprados em New Orleans, Sandino partiu para lá, onde chegou poucos dias antes dos barcos de guerra do Almirante Latimer.

Forçoso é reconhcer que sua aparência, mais que peculiar, não impressionou grandemente a Sacasa nem a seu Ministro da Guerra, José Maria Moncada. Em que pese esse pró-americano, ex-diretor de escola e periodista conhecer muito bem o pai de Sandino e suas atividades políticas, o filho lhe parecia algo assim como um aventureiro desequilibrado.

Por sua parte, este desconfiava de Moncada, porque havia sido ministro durante o primeiro governo de Adolfo Díaz, e o classificou de "renegado conservador", quando o veterano general não só lhe negou mais armas como o intimou a devolver as que havia roubado do porto e a abandonar, de imediato, seu refúgio nas montanhas.

Muito cedo, soldados liberais começaram a desertar para incorporar-se à guerrilha e a força de Sandino passou a ser o único exército organizado da Nicarágua, afora o correspondente aos conservadores, ao qual inflingiu uma grave derrota, em El Bejoco, tomando-lhe milhares de fuzis e milhões de cartuchos. Como consequência, as tropas de Moncada começaram a passar em massa para suas fileiras e o general, enfurecido, tentou, sem êxito, assassinar Sandino. Em junho de 1928, as forças de Sandino haviam aumentado. Seu refúgio do cerro El Chipote,

em Las Segovias era considerado inexpugnável e seu estado-maior tinha caráter internacional, já que o integravam personagens como Rubén Ardilla Gomez, da Venezuela; José Paredes, do México; Farabundo Marti, de El Salvador e Gregório Gilbert, da República Dominicana.

Cabe assinalar que, durante essa época, El Chipote sofreu ataques da Força Aérea Norte-Americana, e que correspondentes norte-americanos lançaram acusações contra Washington por haver usado gases asfixiantes, que a Marinha dos Estados Unidos jamais desmentiu. A Guarda Nacional, sob oficiais norte-americanos, participava das operações contra aqueles que já tinham o sobrenome de "sandinistas".

Finalmente, em 2 de janeiro de 1933, os últimos infantes da Marinha dos Estados Unidos partiram da Nicarágua, após uma série de derrotas no ano anterior, levando em conta, também, as eleições desse ano (Franklin Delano Roosevelt, democrata, derrotou Herbert Hoover, republicano, o grande inimigo de Sandino). Não obstante, antes de partir, deixaram o comando da Guarda Nacional nas mãos de um homem com antecedentes criminais, um ano mais novo que Sandino, filho de um grande produtor de café e

nascido a poucos quilômetros do lugar onde nasceu o líder guerrilheiro, chamado Anastasio Somoza Garcia.

O Dr. Juan B. Sacasa foi eleito presidente e os elementos mais progressistas, tanto conservadores como liberais, pressionaram para que Sandino fosse chamado à mesa de negociações para pacificar o país. Mas este se recusou, desconfiado de uma eleição "feita sob as baionetas norte-americanas" e, sobretudo, do "yanquista" (como Sandino chamava Somoza) que, nesse momento, era o "homem forte" da Guarda Nacional.

Lamentavelmente, não se equivocava. Assistiu as conversações de paz, em janeiro de 1933, e convidados pelo próprio Sacasa, seus guerrilheiros entregaram parte de suas armas e receberam terras e assistência para um projeto comunitário. Sandino nada reclamou para si, salvo a conservação de uma guarda pessoal de 100 homens. A saída dos yankees, porém, não produziu nenhuma mudança social, e seus ex-guerrilheiros, já desarmados, começaram a ser acossados pela Guarda Nacional.

Ante suas denúncias, um enviado governamental levou-lhe um convite de Sacasa para cear, em 21 de fevereiro de 1924, no palácio presidencial, dando-lhe toda sorte de garan-

tias. Simultaneamente, Somoza promovia, em seu domicílio, uma conferência com 16 oficiais da Guarda, aos quais assegurou que vinha da Embaixada dos Estados Unidos, onde o embaixador Arthur Bliss Lane lhe havia assegurado estar a favor e recomendava a eliminação de Sandino, por ser uma ameaça à paz interna da Nicarágua, lavrando-se uma ata, que todos firmaram, dando-se rápida forma ao complô para assassinar o líder guerrilheiro.

Cinco horas mais tarde, às 22 horas, Sandino, seu pai e o secretário de Sacasa, Salvatera, se despediram do mandatário e saíram do palácio presidencial em uma limosine que, a poucos metros, seria detida face a um caminhão da Guarda, aparentemente avariado, o qual bloqueava o caminho. Um sargento armado com uma metralhadora Thompson os convidou a sair do automóvel, enquanto Sandino ordenava seus companheiros a não resistir e subir no caminhão, como lhes era exigido.

Um civil que presenciou os fatos correu ao palácio e informou ao presidente Sacasa o que estava ocorrendo. Este tratou de chamar Somoza por telefone, segundo narra David Harvard Bain, mas não obteve resposta. Mais ainda, todos os esforços para localizá-lo fracassaram.

O caminhão partiu, entretanto, com rumo desconhecido, logo que don Gregorio Sandino e Salvaterra foram deixados em liberdade. Poucos minutos mais tarde, em um local isolado, Sandino e dois dos seus generais foram obrigados a sentar em uma rocha, sendo aí baleados. Segundo seus próprios assassinos, as últimas palavras de Sandino foram: "Meus líderes políticos me julgaram uma brincadeira incômoda". Sócrates Sandino, seu irmão, foi também eliminado essa noite, como o foram 300 homens, mulheres e crianças vinculados à guerrilha, na localidade de Wimilf, às margens do Rio Cocos. Sacasa passou a ser um virtual prisioneiro em seu próprio palácio, até que, em 1936, foi derrubado por um golpe-de-estado somozista. Em novembro desse mesmo ano, o próprio Somoza ascendeu à presidência, iniciando sua fatídica dinastia.

Somoza impôs e derrubou presidentes a seu capricho até 1950, quando voltou a ser presidente. Mas, em 1956, foi assassinado por um oficial da Guarda, sucedendo-lhe, ano seguinte, seu filho Luis Somoza Debayle. Em 5 de janeiro de 1967, por fim, foi eleito seu irmão, Anastácio (Tachito) Somoza Debayle que, deposto em 19 de julho de 1979, fugiu para o Paraguai e foi assassinado em Assunção,

em setembro de 1980.

Sandino tinha sido morto violentamente, como violentamente morreram seus assassinos. Mas ao inverso desses, que se dedicaram a expoliar seu próprio país, o líder guerrilheiro tinha deixado acesa a chama do nacionalismo antiimperialista, ainda que os hoje sucessores do sandinismo lhe tenham dado um tom de radicalizado terceirismo e de declaração marxismo-leninismo.

Sandino, incidentalmente, rechaçava indignado a idéia de que se relacionara com o comunismo e suas doutrinas. Por essa razão, afastou seu próprio secretário, Farabundo Marti, fundador do Partido Comunista de El Salvador, que o Comitê havia enviado, expressamente, para "catequizá-lo". Expulso da guerrilha em 1930, Marti admitiu esse propósito, pouco antes de ser executado em seu país, em 1932.

A chamada Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) foi fundada por Carlos Fonseca Amador, Tomás Borge Martínez e Sílvio Mayorga, em 1961, e recebeu o nome de "Sandinista", em 1962, tão-somente porque simbolizava a luta contra a dinastia somozista e o imperialismo norte-americano. Mas suas origens remontam, em realidade, a junho de 1944, quando foi criado o Partido So-

cialista Nicaraguense (PSN), stalinista.

Fonseca Amador, na década de 50, era um ativo dirigente da ala jovem da PSN e, junto com Borge, organizou um grupo comunista na universidade da cidade nicaraguense de Granada. Admiravam Sandino e sua luta, mas, fiéis a Moscou, jamais se opuseram à qualificação de "burguês nacionalista barato" que os comunistas aplicavam ao líder guerrilheiro.

Em realidade, a FSLN começou como um minúsculo movimento guerrilheiro (um entre vários), entre 1959 e 1961, estimulado pela revolução cubana, mas jamais representou um problema sério para a ditadura somozista e só empreendeu algumas escaramuças ocasionais. Durante os anos 60, e apesar de um contato direto com Havana, a FSLN não exerceu nenhuma atração no plano militar, nem logrou exercer impacto algum sobre a população rural, apesar de haver assumido sua direção o ex-ajudante de Sandino, Santos López.

Não obstante, a organização sobreviveu a seus fracassos e, na década de 70, seu sistema de recrutamento, suas organizações rurais e urbanas de apoio e sua própria liderança haviam melhorado enormemen-

te. Anos antes, haviam-se incorporado a ela jovens estudantes, como os irmãos Daniel e Humberto Ortega Saavedra.

Em dezembro de 1974, em uma ousada investida, uma fração da FSLN tomou a residência do ex-ministro da Agricultura José Maria Chema Castillo, um adepto de Somoza, capturando a flor e nata da alta sociedade nicaraguense, ali reunida em uma recepção, além do chanceler, dois embaixadores e destacados homens de negócios. Como resgate, obtiveram a liberdade de 14 sandinistas presos, que voaram para Cuba, a leitura de um comunicado no rádio e um milhão de dólares em espécie.

Apesar do êxito dessa ação, 1975 e 1976 foram dois anos desastrosos. Mauricio Duarte Alvarez, que tinha planejado o ataque à residência de Castillo, morreu durante um encontro, em Jinotepe, em janeiro de 1976, justo um dia antes de Fonseca Amador ser abatido nas montanhas do norte. Entre os que foram capturados pela ditadura, em fevereiro de 1976, estava Tomás Borge Martínez.

Em meados da década de 70, a Frente se dividiu em três frações. Os mais jovens, encabeçados logo pelo ministro da Agricultura, Jaime Wheelock, inspirados no êxito de Salvador Allende no Chile, queriam uma

rebelião que não estivesse centrada no campo e sim na organização dos trabalhadores nas cidades. Seu grupo denominou-se "Tendência Proletária" (TP).

O TP enfrentou a "velha guarda" frentista, que liderava Tomás Borge e seguia a linha castrista de permanecer nas montanhas, até que se dessem as condições para lançar a guerra revolucionária. Autodenomina-se "Tendência Guerra Popular Prolongada" (TGPP).

A situação apresentada converteu os irmãos Ortega em árbitros da mesma, com a sua "tendência Insurreccional" (TI), autodenominada "terceirista", cuja teoria, que mais tarde resultou ser exitosa, consistia em empregar a força armada para encabeçar uma oposição ampla e formada por uma aliança de todas as manifestações políticas.

Pela idade, seus integrantes estavam mais próximos dos "Proletários", mas ideologicamente e por influência cubana, aproximavam-se mais de Borge e sua TGPP. Derrotado Somoza, os Ortegas eram os mais fortes, inclusive porque tinham mais homens sob armas, ainda que nenhum dos três grupos pudesse vencer os outros dois.

O assassinio de Joaquín Chamorro Cardenal, em Manágua, ocorrido a 10 de janeiro de 1978, produziu uma explosão

maciça de hostilidade popular contra o regime de Somoza, sob a forma de ajuda à FSLN, manifestações e violências contra a Guarda Nacional e o governo. Ao mesmo tempo sobressaía entre os "Insurrecionistas", por seu porte e audácia, um homem que recordava muito Fidel Castro. Chamava-se Eden Pastora, o herói mais popular da revolução e conhecido mais por seu nome de guerra, "Comandante Zero".

Em agosto de 1978, Pastora encabeçou um ataque espetacular contra o Palácio Nacional, libertou importantes líderes sandinistas prisioneiros e fez com que muitos cidadãos se dobrasse à revolta. Seus outros camaradas, entretanto, o temiam por sua audácia e por ter chegado a acumular tanto prestígio, que poderia "roubar-lhes o protagonismo". Por essa razão, deixaram-no fora da Condución Nacional, depois da vitória, e foram limitando suas faculdades, até que, em julho de 1981, ele renunciou, desgostoso pelo caminho que havia tomado a revolução. Exilou-se, junto com alguns amigos fiéis e, finalmente, incorporou-se à revolução armada. "Como Sandino", afirmou o analista mexicano Gabriel Zaid, "Pastora foi um nacionalista pragmático que não pôde inspirar confiança aos revolucionários científicos, e logo, ao buscar ajuda externa à sua

rebelião contra os sandinistas, tampouco logrou ganhar a confiança da CIA".

Finalmente, unificado o comando guerrilheiro, entre dezembro de 1978 e março de 1979, sob diretrizes emanadas de Havana, a resistência somo-zista entrou em debaque irremediável e, em 19 de julho desse ano, o povo deu vazão ao seu júbilo nas ruas de Manágua para festejar a derrota da ditadura.

Tomás Borge, pelo que se afirma, era o comandante mais querido da FSLN, e se afirma também que, se Jimmy Carter tivesse conseguido reeleger-se em 1980, a situação entre os Estados Unidos e a Nicarágua teria sido possivelmente outra. Mas venceu Reagan, e sua agressividade favoreceu os Ortegas, partidários acérrimos de um estrito controle interno e uma forte defesa externa. Ao obter Daniel a presidência, em novembro de 1984, e Humberto a chefia das Forças Armadas, a situação na Nicarágua adquiriu grande semelhança com o que ocorreu em Cuba, com os irmãos Fidel Castro e Raúl Castro.

Visando a essa eleição, a FSLN foi anulando progressivamente a oposição, desde 1979. Assim, a Junta de Governo de Reconstrução Nacional (JGRN) ficou integrada pelos sandinistas

Daniel Ortega e Moisés Hassan, o sandinista encoberto Sérgio Ramírez, Violeta Barrios Chamorro, viúva do diretor de La Prensa assassinado, e Adolfo Robelo (a Sra. de Chamorro renunciou, por problemas de saúde, e Robelo por desacordo com a nacionalização de bancos, ambos em abril de 1980).

Com o amordaçamento progressivo da imprensa, todo o poder coercivo da FSLN entrou em ação, inclusive contra suas próprias fileiras. Pastora, que em 1981 havia declarado que a FSLN tinha "transformado uma ditadura de direita em outra de esquerda" e que seus companheiros de armas eram "novos Somozas", exilou-se em Costa Rica, de onde encabeçou a coalisão entre a Frente Revolucionária Sandinista e a Aliança Revolucionária Democrática (FRS/ARDE) e começou operações de guerrilha.

Mas esse não foi o único movimento de oposição ao sandinismo. Em 1981, nicaragüenses exilados, que buscaram refúgio no exterior, formaram as Forças Armadas Revolucionárias da Nicarágua (FARN). De início, incorporaram-se a elas ex-membros da Guarda Nacional que tinham fugido, em 1979, logo após a queda de Somoza, mas logo a eles se juntaram compatriotas que, ainda que tivessem sido opositores ativos da ditadu-

ra, descobriram bem pronto que seus ideais e esperanças depositadas na FSLN haviam sido fraudados.

Alguns deles se concentraram em Miami, enquanto outros passaram a operar de Costa Rica e, especialmente, de Honduras, de onde começaram a excursionar para a Nicarágua. Logo coordenaram operações com os grupos de Pastora, obtiveram apoio dos Estados Unidos, e o homem de rua lhes colocou o apelido de "os contras". Neles Reagan se baseou para manter focos de luta contra a FSLN e sua tendência pró-soviético-cubana.

### **IMPORTÂNCIA DA NICARÁGUA COMO PAÍS SATÉLITE DA URSS**

A União Soviética que, apesar da pacificação do mundo depois da Segunda Grande Guerra, não desistiu do seu objetivo de "completo domínio do mundo", ampliou seu movimento estratégico, para poder efetivar o corte da continuidade territorial sul-americana pró-ocidente e incrementar o controle da zona que opera como via principal de abastecimento do país do norte.

Ter posto o pé no continen-

te, em Nicarágua, facilita sua expansão em toda a América, operando mais efetivamente os movimentos nacionalistas radicais e explorando os ódios e ressentimentos que a política ocidental produzem, quando adota atitudes que pouco beneficiam as relações entre a potência hegemônica e os países alinhados em sua órbita, situações que são canalizadas através dos meios de comunicação social, sob um efetivo controle do marxismo.

O domínio do Canal do Panamá e, por conseguinte, de seu país, é um dos objetivos territoriais do marxismo soviético no continente, em busca do efetivo controle das passagens interoceânicas. Se bem que o Canal do Panamá esteja passando a ser quase obsoleto, por suas dimensões e possibilidades de navegação, manter a Nicarágua sob seu domínio efetivo dá quitação à possibilidade de concretizar a construção de um novo canal, fazendo uso do traçado original através do grande lago da Nicarágua. Cabe acrescentar também que o território nicaraguense, por sua posição, oferece possibilidades para instalar possíveis plataformas de mísseis de curto e médio alcance que estarão em condições de ameaçar quase todo o território americano.

## A SITUAÇÃO ATUAL\*

As expectativas que o novo governo nicaraguense desperta só resultaram em sonhos. Unicamente pôde ser concretizada uma controvérsia campanha de alfabetização, a cargo de um grupo de professores oriundos de Cuba.

A organização do governo tinha uma estrutura dupla, com um grupo interno encabeçado pela FSLN que, em acordo com Cuba, passou a formar um novo exército e uma série de organizações internas controladas, e com outro ramo independente, encabeçado pela junta de governo.

Essa organização, apoiada pelo compromisso com a OEA de estabelecer um sistema político democrático, motivou, durante os primeiros 18 meses de governo, coincidentes com a administração Carter, o recebimento de mais de cento e dezoito milhões de dólares de ajuda direta e o respaldo dos Estados Unidos para a assinatura de créditos do BID de mais de duzentos e vinte milhões de dólares.

A administração Reagan tomou consciência da política fraudulenta sustentada pelo governo de Ortega, suspendendo os créditos para a Nicarágua, e

assinou, após sessões controvérsias do senado, partidas importantes para os "contras", com os quais mantém a permanência do enfrentamento armado. Esse é um gravíssimo erro pelo qual, todavia, os Estados Unidos estão pagando as consequências, devido a que, com a intervenção dos "contras" no conflito, vêem-se encalacrados em uma situação de difícil solução, pois pode chegar a um segundo Vietnã, com o risco de poder repetir-se em outros países do continente americano.

Durante 1985, o Grupo Contadora esteve a um passo de abandonar definitivamente o "processo de paz centro-americana".

A situação da Nicarágua, que abrigava esperanças de conseguir um acordo de paz que somente exigisse diminuir suas Forças Armadas, possibilitar o controle do seu armamento e não exportar a guerrilha, foi obstaculizado pela situação de El Salvador, Honduras e Costa Rica, que pediram incluir no acordo eleições livres, pluralismo ideológico, liberdade de imprensa, independência do poder judiciário e diálogo com os anti-sandinistas. Isso trouxe, como reação, as declarações do Comandante Ortega de que seu país não interromperia o rear-

\*1987.

mamento, pelo contrário, continuaria com a compra de material bélico.

Em 1980, o arsenal nicaragüense foi estimado, pelos Estados Unidos, em 340 tanques e veículos armados, incluindo meia dezena de helicópteros de alcance curto. Além disso determinou, com precisão, 145 morteiros, 77 aeronaves, 200 canhões antiaéreos, 300 lançadores de mísseis simples, 24 lançadores múltiplos de mísseis, 700 mísseis antiaéreos e 100 canhões antitanque.

A posição assumida pelo governo Ronald Reagan pode ser sintetizada em quatro pontos:

1. A luta contra o governo sandinista é vital para os Estados Unidos;

2. A ditadura militar nicaragüense é armada com equipamento militar fornecido pelos soviéticos;

3. Soviéticos, cubanos, alemães orientais, a OLP e a Líbia estão considerando a Nicarágua uma área propícia para a subversão e agressão contra seus vizinhos e os nossos;

4. Há esperanças para o povo nicaragüense, pois os "combatentes pela liberdade" estão agora lutando contra a ditadura comunista.

Durante o mês de outubro

do corrente ano\*, iniciou-se o "Diálogo Nacional" com a oposição política. O presidente Daniel Ortega disse que a abertura política responde ao cumprimento do plano de paz centro-americana, e não "à polícia das forças intervencionistas e terroristas do governo dos Estados Unidos".

O governo sandinista chegou a um acordo com os índios "miskitos", que não significa a rendição desses últimos, senão uma suspensão de atividades armadas.

## CONCLUSÕES

1. O fato de não atender que o objetivo final da FSLN na tomada do poder por meio da luta armada foi o erro de apreciação mais grave cometido pelos Estados Unidos sob a administração Carter e teve consequências irreparáveis.

2. Quando os Estados Unidos atentaram que o que eles consideravam um movimento nacionalista com intenções de restaurar um governo democrático, imitando a democracia pluralista norte-americana, se convertera em um governo marxista, dependente da Rússia e de Cuba, já era demasiado tarde.

\*1987.

3. Carter, com sua política de "direitos humanos", intervindo contra o acionamento da Guarda Nacional, favoreceu os sandinistas, sem imaginar a consequência final: uma guerra civil, que ainda continua, e um governo em mãos dos inimigos do seu país.

A campanha, nos Estados Unidos, contentou-se em informar que a FSLN nada tinha a ver com o marxismo, que os sandinistas eram mais democráticos que Abraham Lincoln e admiravam a democracia pluralista americana.

4. Cuba continua exportando seu modelo metodológico de alcançar o poder sob o disfarce de "governos nacionalistas", que não deixam descobrir sua real conexão cubano-marxista, e que lhes permite obter vantagens e benefícios econômicos que, de outra forma, não conseguiriam. Em resumo, obter créditos dos países ocidentais e empregá-los para fortalecer e formar uma verdadeira base inimiga.

## REFLEXÕES FINAIS

A forma de impedir que o que ocorreu na Nicarágua aconteça em outros países da América Latina seria as potências ocidentais, e em particular os Estados Unidos, fazerem chegar

sua ajuda econômica antes que sejam criadas as condições sócio-econômicas propícias para uma revolução marxista, e fortalecer, na consciência da classe política, a importância do perigo que nos cerca, caso sigam cometendo os mesmos erros, e a dificuldade que existe para liberar-se os países do jugo marxista, uma vez instalado em seus territórios.

Por tudo que foi exposto, considero muito apropriado incluir, neste artigo, a reprodução de alguns parágrafos bastante claros sobre o assunto, retirados da mensagem lida pelo Papa Paulo VI, em 23 de novembro de 1965, diante de um grupo de mais de 400 padres conciliares latino-americanos.

"O ateísmo marxista na América-Latina está presente e ativa a propaganda antecatólica por vários vias. Essa propaganda ameaça a unidade espiritual do continente, causa incertezas e dúvidas provoca desconfiança pela Igreja Católica e confunde a gente de bem.

"Entre a maioria da população, tornam-se cada vez mais consciente suas pobres condições de vida, há pessoas que, desafortunadamente, permanecem insensíveis aos ventos de renovação da época e evidenciam carecer não só de sensibilidade humana, senão também de visão cristã para os proble-

mas que se agitam ao seu redor.

"Em tal estado de intranqui-lidade entre expectativas insatisfeitas e esperanças a que não se tem dado respostas, perigosamente operam forças que se infiltram com facilidade. Há forças que tratam de romper a unidade moral e religiosa da fibra social, mantida até hoje com tanta dificuldade.

"Entre essas forças atuais, no setor econômico-social, o ateísmo marxista é a mais atraente e dinâmica.

"Com sua mensagem social messiânica, converte o progresso humano em mito, persegue e prepara revoluções violentas, como único meio de dar solução ao problema.

"Estamos convencidos de que é necessário ter em conta um conceito claro, porque qualquer solução que não tenha a devida concepção desta realidade corre o perigo de ser inadequada e ineficaz."

Por último e ante situação dessa natureza, que evolui a velocidade vertiginosa, é necessário ver claro que, para solucionar o grave problema latino-americano, só existem dois caminhos, que devem ser percorridos paralela e simultaneamente, a fim de se chegar a bom termo:

definir as causas devidamente e realizar, o quanto antes, a transformação das antigas estruturas para resolver os problemas econômico-sociais, de um lado, e evitar, decidida e rapidamente, a guerra revolucionária comunista.

## LIVROS E REVISTAS CONSULTADOS

- "GUERRA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA": General OSIRIS G. VILLEGRAS – Buenos Aires 1963.
- "¿REVOLUCION EN LA REVOLUCION?: REGIS DEBRAY – Havana 1967 (Ediciones Casa de las Américas).
- "LA GUERRA DE GUERRILLAS": ERNESTO "CHE" GUEVARA – Montevideu 1960.
- "GUERRA DE GUERRILLAS" – Ediciones FERNANDEZ REGUERA – Buenos Aires 1987.
- "MANUEL DE INFORMACIONES": Número Extraordinario – (Guerrillas y subversión en América Latina – Año 1969).
- "ARMAS Y GEOESTRATEGIA" – Vol 4, Nº 11 Dezembro de 1986.
- "NICARAGUA :LA REVOLUCION RODADA" (Servicio Cultural e Informativo de los EEUU – Nº 8/85 – Abril 1985).
- "REAGAN ABOGA POR UNA CONTINUA PRESION SOBRE NICARAGUA" (Servicio Cultural e Informativo de los EEUU Nº 10/85 – Abril 1985).
- "EL PROCESO DE PAZ EN NICARAGUA" (Servicio Cultural e Informativo de los EEUU Nº 12/85 – Mayo 1985).
- "NICARAGUA Y EL FUTURO DE AMERICA CENTRAL" (Servicio Cultural e Informativo de EEUU Nº 07/86 – Março 1986).

---

PASCUAL C. TOZZI é coronel do Exército Argentino

---